

UM POUCO DE MÚSICA

DOMENICO SCARLATTI, O MESTRE DA SONATA

Dos três grandes tricentenários musicais do corrente ano — Bach, Haendel e Domenico Scarlatti — este último vem sendo ofuscado pelo brilho dos dois primeiros, cujas obras, mais vastas e variadas que a do compositor napolitano, têm despertado maior interesse e atração nos grandes festivais que por toda parte se realizam. Mas, é preciso lembrar que Domenico Scarlatti tem um papel de extraordinária importância na história da música, na qual se afirmou como o mestre da sonata. Nascido no mesmo ano em que Bach e Haendel, sobreviveu ao primeiro e faleceu dois anos antes do segundo, em 1757. Percorreu vários países. Viveu em Veneza, em Roma, na Inglaterra, em Portugal e na Espanha, onde veio a falecer.

Não apareceu por acaso. Tinha atrás de si uma longa tradição musical, que culminava em seu pai, Alessandro Scarlatti, o criador da chamada “Escola Napolitana”. Recebeu em sua formação marcada influência paterna, pois se iniciou na música escrevendo óperas, nada menos que treze, praticamente esquecidas hoje, pois de todas elas apenas uma, **Tetide in Sciro**, mereceu as honras de uma gravação integral. Foi, porém, na música instrumental que Domenico Scarlatti encontrou seu campo predileto.

Os exercícios para o cravo, denominados simplesmente **sonatas** e constante de mais de quinhentas peças, foram as únicas publicadas durante sua vida. De seu valor e interesse, podem testemunhar todos aqueles que se dedicam ao piano, pois permanecem ainda hoje, juntamente com os prelúdios e fugas do **Cravo bem temperado**, de Bach, obrigatoriamente na literatura pianística universal. Delas dizia Czerny, responsável por uma das primeiras edições: “São dignas de ser conservadas, sob qualquer ponto de vista, tanto pela sua originalidade cheia de caráter, superior a qualquer variação do tempo, como pela natural e serena frescura de vitalidade que é própria de uma arte na plenitude de suas forças juvenis”.

Os virtuosos cada vez mais inscrevem suas sonatas em seus programas. Elas não comportam senão uma peça e correspondem ao sentido primitivo do termo “sonata”. Constituem um repertório de peças de todos os estilos, de maravilhosa variedade: fugas e danças, páginas de feição dramática, arabescos impetuosos, meditações, frivolidades, todas as riquezas da linguagem sonora foram exploradas pelo grande músico napolitano. São consideradas ainda hoje obras-primas de arquitetura musical, pela simples melodia, vivacidade, riqueza e elegância que preludiam a glória do piano. Os episódios mais insignificantes da vida cotidiana podiam despertar

sua inspiração. Conta-se que certo dia um gato pulou sobre o teclado do cravo e nele pôs-se a andar; cada passo de suas patinhas era uma nota. Disso nasce uma melodia, desde as notas altas até as baixas. Nada melhor: eis um tema magnífico; e o compositor escreve a **Fuga do Gato**, uma de suas obras-primas...

Há um aspecto na vida e obra de Domenico Scarlatti que não deve ser olvidado: é o trabalho imenso que realizou na Península Ibérica. Convidado por D. João V para organizar o Conservatório de Lisboa, passa-se para a capital portuguesa em 1721. É sabido que os Braganças, que reinaram em Portugal de 1640 até 1910, quando o regime republicano substituiu a velha monarquia, tinham uma acentuada vocação para a música. Já o fundador da dinastia, o Duque de Bragança, que assumiu o trono com o nome de D. João IV, era compositor, tendo deixado numerosas obras de natureza religiosa. Durante muito tempo, foi atribuída a ele uma das mais famosas canções de Natal, o **Adeste Fideles**. Sabe-se hoje que essa atribuição não é correta. Talvez tenha havido confusão com o título de outra canção sacra, **O Crux Fideles**, esta, sim, do monarca criador da dinastia bragantina. D. João V, embora sem ser compositor, procurou tornar Lisboa um dos grandes centros musicais da Europa; D. João VI procurou, tanto quanto esteve ao seu alcance, desenvolver as atividades musicais no Rio de Janeiro; D. Pedro I, o nosso primeiro Imperador, era dado à composição e muita coisa deixou tanto de música sacra como secular. Tinha, pois, nosso Pedro a quem sair.

Mais tarde, quando a infanta portuguesa consorciou-se com o príncipe Fernando das Astúrias e teve, portanto, que mudar-se para Madrid, levou Domenico Scarlatti consigo, e na capital espanhola o mestre napolitano realizou obra semelhante a que fizera em Lisboa. É ele, Domenico Scarlatti, o responsável pela esplêndida escola cravista ibérica do século XVIII, na qual fulguraram os nomes de Antonio Soler, Rafael Angles, Felipe Rodriguez, José Galles e Mateo Albeniz, entre os espanhóis, e os de Frei Jacinto, Carlos Seixas, João Cordeiro da Silva e João de Souza Carvalho, entre outros, em Portugal.

A primeira referência discográfica dos discípulos ibéricos de de Scarlatti deve-se ao cravista italiano Fernando Valenti. Editado nos Estados Unidos, onde o cravista vivia, trazia o disco o expressivo título **Harpsichord Music of the Spanish School of Domenico Scarlatti**. Pouco depois, a pianista polonesa Felicja Blumenthal, então radicada no Brasil, gravou, em Londres, diversas peças desses autores ibéricos, incluindo em seu disco também autores portugueses; a estes, logo em seguida, a pianista brasileira Maria Clodes (radicada em Portugal) dedicou todo um disco. E bem mais tarde, graças à Fundação Gulbénkian, novos discos apareceram, exumando para surpresa de todo mundo, inúmeras outras composições, inclusive orquestrais e vocais (até uma ópera e um oratório completos, de João de Souza Carvalho) desses grandes discípulos de Domenico Scarlatti.

É preciso não esquecer que foi em Madrid, como "mestre de capela" da corte espanhola, que o compositor napolitano veio a falecer aos 23 de julho de 1757. ONM